

Destino final dos ímpios após a morte

Santo Agostinho

Daqueles que não pertencem a esta cidade [de Deus], será, pelo contrário, a desgraça eterna, também chamada segunda morte porque aí não se pode dizer nem que a alma vive, separada como está da vida de Deus, nem que o corpo vive, submetido como está a dores eternas; por isso esta segunda morte será mais cruel, porque não poderá acabar com a morte. Mas, assim como a desgraça se opõe à beatitude e a morte à vida, assim também a guerra parece ser o contrário da paz; se, pois, se exaltou e celebrou a paz como sendo o bem supremo, é justo que se pergunte que espécie de guerra se pode conceber no caso oposto – o do mal supremo. Quem faz esta pergunta repare no que há de nocivo e pernicioso na guerra – e verá que nela nada mais há do que adversidades e conflito de realidades entre si. Que guerra mais pesada e mais amarga se poderá imaginar do que aquela onde a vontade é de tal forma adversa à paixão e a paixão à vontade, que, com a vitória de nenhuma delas poderão acabar tais inimizades – e onde a violência da dor de tal forma luta contra a própria natureza do corpo, que nenhuma das duas poderá ceder à outra? Quando cá surge um conflito destes, é a dor que triunfa e a morte apaga todo o sofrimento, ou então é a natureza que vence e a saúde expulsa a dor. Mas lá, a dor persiste para atormentar e a natureza perdura para sofrer – porque nem uma nem outra acabarão para que não acabe o castigo.

Mas, para se chegar a este supremo bem ou a este supremo mal, um de desejar e o outro de rezear, como tanto os bons como os maus têm que passar pelo julgamento – é desse julgamento que, se Deus mo permitir, tratarei no livro seguinte.

Fonte: *A Cidade de Deus*, LIVRO XIX, Cap. XXVIII, Santo Agostinho, Fundação Calouste Gulbenkian.